

A Revista *Ilustração Pelotense* como Objeto Biográfico ¹

Vivian Herzog

RESUMO: O presente artigo tem como objeto as memórias de descendentes de mulheres retratadas na revista *Ilustração Pelotense*. Dessa forma partiu-se do pressuposto de que para essas "herdeiras" das representadas o periódico apresenta um caráter simbólico que muitas vezes auxilia na forma que elas elaboram e atualizam o seu passado. Essa proposta de estudo considera uma inter-relação entre os registros fotográficos da revista e a história oral coletada a partir dos relatos das depoentes.

PALAVRAS-CHAVE: *Objetos biográficos, Ilustração Pelotense, fotografia e memória.*

ABSTRACT: This article presents the memories of descendants of women portrayed in the magazine *Ilustração Pelotense*. For these "heirs" of represented the publication presents a symbolic character who often helps in the way they prepare and update its past. This study consider the inter-relationship between the photographic records of the magazine and oral history collected from reports of women.

KEY-WORDS: *biographic objects, Ilustração Pelotense, fotographic records and memory.*

Introdução

Esse estudo consiste em uma abordagem sobre a revista *Ilustração* como objeto passível a elaborações de memórias pessoais. Sob este viés buscou-se perceber como algumas mulheres se apropriavam do fato de suas mães terem sido representadas no periódico. Muitas vezes esse fato aparece diluído nos relatos das depoentes como algo inerente a posição social que seus familiares ocupavam. Tal fator parece coincidir com um dos propósitos da

¹ Este artigo foi produzido como resultado do Curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; no qual fui orientada pela professora Dra. Francisca Ferreira Michelin.

revista que era justamente apresentar e divulgar a imagem de personagens que compunham a alta sociedade de Pelotas e região.

A revista *Ilustração Pelotense* foi veiculada aproximadamente durante o período de 1919 a 1927, no entanto houve algumas interrupções sendo que uma delas se deu no ano de 1924. Após tal interrupção, a revista voltou-se a um caráter que já havia sido demonstrado: uma revista da sociedade, que se propunha a registrar os eventos sociais e a divulgar os retratos de figuras ilustres que conformavam a elite daquela sociedade. Nas páginas da *Ilustração* as pessoas se apresentavam através de parâmetros a serem seguidos ou mantidos, explicitando não só a boa forma do indivíduo (moda, tipos de beleza e saúde), como o seu comportamento: o que poderia e deveria ser feito, ou o que competia ser usufruído e apresentado e, sobretudo, os valores a serem adotados por homens e mulheres.

Ao entrar-se em contato com uma das colecionadoras, que teve a fotografia de sua mãe divulgada pelo periódico entre 1919 e 1920, percebeu-se que a revista para ela possuía outro tipo de valor, não apenas documental, mas afetivo e simbólico. É sob esse viés que a *Ilustração Pelotense* é abordada: enquanto objeto biográfico. Desse modo, se pressupõe que sua existência material possibilita a recomposição de um passado familiar, ao mesmo tempo em que a situação presente de quem narra é afirmada através dessa recomposição/reconstituição. Os fatos rememorados não se apresentam enquanto lembranças fixas, mas como elaborações mentais que trazem em si a característica de serem afirmações sobre uma condição social ainda e ou supostamente vivenciada no presente.

O grupo de depoentes é composto por três senhoras que residem em *Canguçu*. A primeira senhora contatada que teve a imagem de sua mãe divulgada pela *Ilustração* foi Ione Prestes. Ione nasceu e sempre residiu na cidade de *Canguçu*. Sua participação no andamento desse estudo foi de fundamental importância, pois foi através de seu intermédio que se pode chegar as outras duas

narradoras. Há um dado relevante quanto à composição desse grupo, pois duas delas são primas (Maria Elvira e Maria Cândida) o que aponta para a possibilidade de existir um laço afetivo intenso entre elas. Portanto, foi essa proximidade e a convivência entre as próprias depoentes, que possibilitou o estabelecimento entre nós (entrevistadora e entrevistadas) de uma relação amigável que direcionou o tom empregado nos relatos. Tom esse, marcado por uma espécie de cumplicidade², algo distante de uma característica protocolar e formal.

Um dos aspectos que deve ser citado é o fato de que a *Ilustração Pelotense* registrava e divulgava imagens de famílias “importantes”³ de diversos municípios do Rio Grande do Sul. Esse aspecto justifica o porquê das entrevistas terem sido feitas com roteiros de perguntas planejados, através dos quais se poderiam evidenciar como as três senhoras apreenderam o passado “memorável” vivido por suas ascendentes. Dessa forma, ao narrar as experiências vividas anteriormente, as depoentes mostraram ter na *Ilustração* uma espécie de ponto de partida para a elaboração de suas próprias identidades. E, é sob este viés que as fotos e o próprio periódico exercem uma função primordial enquanto constituidores da memória.

Ao considerar que a existência da revista, para as três senhoras entrevistadas, personifica conceitos que consolidam a existência de um passado que se acredita ilustre, o periódico assume valores que o instituem enquanto objeto dotado de significações atestatórias de distinção social. Nesse sentido, têm-se como referência algumas das considerações de Pierre Bourdieu (1983) no texto *Gostos de classe e Estilos vida*, considerações estas

² A cumplicidade referida acima diz respeito ao fato de que as entrevistadas me conheciam e entendo que esse dado colaborou para que houvesse confiança entre nós, pois, as depoentes demonstraram liberdade e desenvoltura ao narrar fatos de suas vidas pessoais.

³ Se pressupõe que as famílias importantes eram aquelas que possuíam um alto poder econômico, ou seja eram pessoas influentes como por exemplo: políticos, fazendeiros, artistas, intelectuais e comerciantes.

que se mostram como base para pensar o conceito de distinção social. Segundo o autor, as diversas posições no espaço social correspondem a distintos estilos de vida, que se impõem enquanto diferenças objetivamente inscritas às condições de existência.

A presença feminina na revista *Ilustração Pelotense*

A *Ilustração Pelotense*, como grande número de revistas ilustradas do período apresenta um conjunto significativo de fotografias de mulheres, que se enquadram em retratos individuais e de grupo, assim como instantâneos que as mostram em eventos sociais ou simplesmente dando a ver suas imagens diante da paisagem urbana. O fato de se perceber algumas singularidades na forma como a mulher é apresentada na revista, fez com que se intuísse a existência de uma intenção latente de conferir-lhes uma ocupação social. Elas são mostradas através de atributos e de convenções que conferem distinção social como: tipo de enquadramento, pose, postura, vestimenta. Estas configurações parecem ter afirmado no passado uma condição privilegiada desses retratados, ao mesmo tempo em que poderiam ter ditado padrões de moda e comportamento. Apesar de algumas falhas quanto à periodicidade, especialmente no primeiro ano de sua edição, a *Ilustração* que se dizia quinzenal, era destinada, segundo seus editores, a mostrar a vida social da cidade assim como a divulgar a produção intelectual da elite pelotense, na própria cidade e em outras localidades onde a revista era distribuída. É notório desde o início, acentuando-se com o passar do tempo, o direcionamento para mostrar em suas páginas assuntos referentes aos segmentos da sociedade na qual se incluíam artistas, mas também pessoas de posses e de alto poder econômico e político. Assim, a *Ilustração Pelotense* acabou definindo-se como um periódico de

“mundanidades” (nas palavras dos seus editores), com seções designadas às artes e à literatura, entre outras.

Estas questões contextualizam a presença da mulher na revista e remetem ao juízo de que para as pessoas que tiveram seus familiares representados, ela pode adquirir um valor importante na elaboração de lembranças e histórias pessoais. É a partir destas ideias que se chegou ao grupo das entrevistadas. A abordagem realizada neste texto aponta para o fato de que os aspectos observados constituem uma trama suscitada inicialmente pela imagem fotográfica, esta por sua vez, foi gerada em meio a situações específicas, próprias daquele tempo e lugar. Tais situações, finalmente, remetem à construção identitária de uma sociedade, tal como ela se faz visível através da revista.

O olhar que guarda

Segundo uma abordagem que busca perceber as implicações da memória enquanto estruturação dos diversos grupos que ao todo compõe a coletividade, Allan Radley (1992) pontua a importância dos objetos materiais em relação à consolidação das lembranças como elaborações de identidades sociais. Nesse sentido, o autor considera que há duas instâncias que caracterizam os objetos: existem aqueles que são criados para evocar feitos e realizações ocorridas anteriormente e outros que acabam sendo instituídos de funções memoriais depois de deslocados de seu tempo e contexto original. Conforme Radley:

Los objetos, aparentemente, se presentan a sí mismos de modo inesperado y “evocam recuerdos”, pero también son parte de un mundo material ordenado de forma que mantegna ciertos mitos e ideologias acerca de

la gente como individuos y ciertas culturas concretas (RADLEY, 1992:68).

As formas com que as pessoas se relacionam com os objetos materiais indicam uma distinção na maneira com que elaboram suas lembranças no mundo em que vivem. Há, portanto, uma intencionalidade na utilização dos dados materiais que se torna fundamental na reconstituição do passado. Contudo existem traços, esquecimentos, lacunas e ocultações que não são intencionais. No caso das filhas das mulheres apresentadas na revista é importante observar que elas reconstituem os fatos do passado tendo como base os elementos que estão acessíveis. Portanto, pode-se considerar que a revista ajuda a atualizar os fatos anteriores, que são filtrados e transpostos segundo necessidades vividas na atualidade. Os objetos que herdaram e as pessoas que lhes transmitiram informações são marcos fundamentais que dão o tom às narrativas. Ao guardarem a revista, fotografias e outros materiais que propiciem a contextualização de fatos sobre um passado familiar, essas três mulheres de certa forma assumem o papel de mediadoras entre o passado e o presente. Através dessa intermediação tornam-se responsáveis por repassar histórias que dizem respeito a suas vivências, ou seja, a constituição daquilo que entendem como suas identidades. Essas vivências, por sua vez, precisam ser repassadas, pois uma das funções de colecionar é garantir que as memórias estejam gravadas para as gerações futuras. Portanto, é possível considerar a família como uma organização que por sua vez está inserida em um conjunto maior que diz respeito à coletividade. Sob este aspecto tem-se nas reflexões de Halbwachs uma importante referência para pensar a estruturação dos diversos grupos sociais e a consolidação destes através das elaborações das lembranças. Conforme o mesmo autor, a memória é um fenômeno social. Halbwachs de certa forma relativiza o caráter individual das lembranças, mas também lhes confere importância porque afirma que cada um tem uma maneira específica de lidar com a memória, que encerra um sentimento

próprio e particular. Segundo o autor, o tempo das lembranças não é linear, mas fluído, passado e presente se misturam nas recordações de quem lembra: *“Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais”* (HALBWACHS, 2000:29). As lembranças são como episódios de histórias que conformam o que o autor denomina como os quadros sociais da memória. *“(...) a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo”* (HALBWACHS, 2000:55). Em relação às lembranças pessoais geralmente as apoiamos nas lembranças dos outros. Há um conjunto delas que é partilhado pelo grupo, porém não basta que outros tenham testemunhado os mesmos fatos para que fiquem guardados na memória dos sujeitos. Para que os fatos passados se constituam como lembranças é necessário que haja uma relação afetiva entre os integrantes do grupo. E o que os conforma essencialmente como grupo, é um interesse, uma ordem de ideias e de preocupações, que sem dúvida se particularizam e refletem em certa medida as personalidades de seus membros. Na constituição do conjunto de lembranças existem elementos, fatos e dados materiais que ajudam a manter vivos alguns acontecimentos que se mostram como elo entre os membros de uma determinada organização coletiva. Nesse sentido, os objetos exercem uma função primordial, pois eles deixam visíveis as “marcas” que caracterizam um determinado estilo de vida partilhado por um conjunto de pessoas. Segundo Halbwachs *“(...) nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos a nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro”*. (2000:138). As formas com que os sujeitos arrumam os objetos deixam aparente seus gostos e apontam para os meios que os prendem aos tipos de sociedades: *“Cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembra-nos uma maneira de ser*

comum a muitos homens, e se analisarmos este conjunto fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos” (HALBWACHAS, 2000:138).

Considerando o fato de que a manutenção das lembranças de um determinado conjunto de pessoas depende da ligação existente entre os integrantes desse grupo, percebe-se que os acervos de fotos e os objetos herdados, assim como os personagens responsáveis por divulgar tais conhecimentos são fundamentais. Portanto, ao assumir a função de guardar elementos que propiciem a reconstituição de histórias familiares, aquele que o faz também se torna responsável por narrar acontecimentos exercendo um papel elementar que, no limite, conforma o que Halbwachs caracterizou como marcas visíveis do passado ou museus de família (2000). Esses “museus íntimos” são mantidos pelos guardiões da memória familiar, que só se transformam em colecionadores de lembranças, porque determinados acontecimentos suscitaram que isso ocorresse. Em um texto de Lins de Barros (1989), no qual ela fala de sua pesquisa sobre as memórias de indivíduos pertencentes às camadas populares do Rio de Janeiro, a autora observa como os álbuns de família e objetos materiais herdados ou adquiridos ajudam a repassar e a construir o sentido da importância da estrutura familiar. Através de sua pesquisa, buscou pensar como as lembranças individuais são mantidas e elaboradas na sociedade contemporânea. Nesse sentido, algumas figuras exercem um papel importante de ligação entre as “memórias” e histórias vividas e o tempo presente. A partir do pensamento de que os personagens mediadores se apóiam em dados materiais que foram guardados e mantidos enquanto elementos afetivos, entende-se que a *Ilustração* e o contexto nela apresentado se situa na esfera dos objetos evocadores de lembranças.

As herdeiras das representadas e suas lembranças

O primeiro depoimento coletado para este estudo foi realizado com Ione Prestes, em sua residência. Ione possuía setenta e oito anos e respondeu as perguntas que podem ser consideradas pessoais, de uma forma organizada e por vezes um tanto impessoal. A depoente apresentou uma solução peculiar ao narrar os acontecimentos íntimos que diziam respeito a sua vida e de seus familiares: ela fez uma espécie de percurso histórico remontando desde o período de solteira da juventude de sua mãe já falecida, até a atualidade que abarca a atuação das mulheres no contexto social e econômico. É a partir desse tipo de elaboração que se configurou o perfil dos depoimentos de Ione: são considerações reflexivas, que contextualizam as vivências pessoais no tempo histórico. A depoente delinea o perfil de uma época em , *“que mulher não trabalhava, eram raras as exceções, e quando trabalhavam atuavam em profissões modestas”* (informação verbal)⁴. Ela estabelece um percurso relatando as transformações vividas paralelamente à existência de sua mãe. Cita a Primeira Guerra Mundial, depois as melindrosas, os “anos loucos” e por fim chega às mudanças vividas pela sua geração, tanto na juventude quanto nos tempos atuais. Porém, fica implícito que as transformações culturais relativas à conquista dos direitos concedidos às mulheres, ocorreram paralelamente sem atingir a existência de sua mãe, que estudou até o primário, gostava de ler e aprendeu música como toda “boa moça de família”. É notável e característico na fala de Ione o papel importante que a música exerceu em seu meio familiar. O aprendizado sobre a apreciação musical parece ter sido uma herança, pois conforme a depoente, *“naquela época era chique e de bom tom uma moça de família saber tocar um instrumento*

⁴ Informação concedida por I. PRESTES em entrevista realizada em sua residência na cidade de Canguçu, no dia 29 de junho de 2005.

musical" (informação verbal)⁵. Segundo seus relatos, as mulheres que tocavam piano, pelo menos aos olhos de seu pai, pareciam privilegiadas em relação às outras. Esse fato parece dialogar com algumas considerações de Pierre Bourdieu quanto aos gostos e estilos de vida adotados pelas diferentes classes sociais. O aprendizado de música parece, portanto, uma prática classificadora, que juntamente com outras caracterizavam uma espécie de distinção social naquele contexto temporal. A depoente narra como o pai teve contato com essa prática que mais tarde ela vivenciaria:

Meu pai ainda era "moleção" quando foi a uma festa em Pelotas. Lá ele viu uma moça, mais de uma moça saindo do piano, e ficou maravilhado porque nunca tinha visto de perto moças tocando piano... e ficou tão impressionado que dizia que queria casar com uma moça que tocasse piano. Mas não conheceu ninguém que tocasse piano. Ele gostava muito de contar isso para minha mãe: se eu tiver uma filha ela há de tocar piano! Então ele me induziu tanto que eu achava que tudo que é criança tinha que aprender piano. (informação verbal)⁶

No que tange às transformações radicais vividas por outras mulheres contemporâneas, à época de sua mãe vivendo em grandes centros, parecem ter passado, conforme a entrevistada, sem atingir a sociedade canguçuense. A forma com que Ione apresenta esses fatos parece conformar uma característica em seu depoimento marcado por um tom de conciliação. Esse tom conciliador está ligado às restrições atribuídas ao sexo feminino, mas que sob o olhar da depoente ganham uma tonalidade amena

⁵ Ver nota 4

⁶ Ver nota 4

através da constatação de que eram próprias daquele período e que, como sua mãe, as mulheres deveriam tirar partido de certas obrigações tornando-as mais suportáveis. Outro aspecto específico se faz visível na forma discreta com que lone apresenta fatos de sua atual condição. As tristezas das perdas dos entes queridos e o preconceito que ela sente advindo das gerações mais jovens aparecem diluídos e atenuados em meio a incursões de um tempo elaborado, construído. Tais elaborações remetem ao sentimento de que o que passou é que era bom ou talvez mais fácil, mais ameno, no que tange as relações sociais. Trata-se de um tempo lembrado com saudades carregado de uma espécie de amargor que mostra a dificuldade e o esforço feito por ela para se adaptar a todas as mudanças culturais.

A Segunda depoente Maria Elvira Barbosa, possuía setenta anos e apresentou uma narrativa em que suas experiências pessoais aparecem diluídas em meio à descrição da cidade, das pessoas e da convivência entre elas. Elvira sempre fez parte de famílias consideradas importantes na cidade e esse dado aparece por vezes em seus relatos como uma característica natural que parece ter sido interiorizada por sua existência. Essa característica se faz presente em uma das suas falas, na qual ela conta como seus pais se conheceram: *“meu pai era Barbosa e a minha mãe era Bento, eram duas famílias influentes em Canguçu então eram amigos e se encontravam de certo nos bailes, porque iam muito”* (informação verbal)⁷. A entrevistada dizia não ser *“muito boa em lembrar histórias”*, no entanto ela descreve um tipo de vivência que parece ter sido apreendida com seus antepassados, com sua avó, com suas tias:

Então os bailes eram nas casas das pessoas conhecidas e minha mãe contava que havia uma tal de dona Pancha que se prontificava

⁷ Informação fornecida por M. BARBOSA, em entrevista realizada em sua residência, na cidade de Canguçu, no dia 29 de setembro de 2005

para tocar e era uma beleza! Ela tocava piano e naquela época era muito difícil alguém que não tivesse piano em casa, pois uma moça prendada tinha que saber tocar piano ou coisa assim. Minha mãe não tocava, acho que ela não era muito de música, ela não aprendeu, mas o outro lado da família do lado dos Barbosa, quase todo mundo era músico. E ela contava que eram assim as diversões e eu achava uma coisa meio sem graça, mas era isso: se reuniam, tomavam café e conversavam. Não tinha muita coisa, mas havia os carnavais: os carros alegóricos é que eram bonitos e depois apareceu o cinema, mas sozinha não dava para ir (informação verbal)⁸.

O fato de ter morado até sua infância no interior fez com que guardasse mais nitidamente os acontecimentos festivos da cidade, como as comemorações públicas, os carnavais, que eram eventos nos quais comparecia sempre acompanhada de sua família. Elvira narra à dificuldade com que se deslocavam do interior para cidade, através de um tom saudoso que mostra o quanto sua memória transformou os transtornos e precariedades próprias das condições vividas no período, em suaves lembranças que marcam o período da sua juventude. Segundo a entrevistada:

Naquela época ir da minha casa para a cidade levava um dia inteiro. Lembro-me que quando nós vínhamos minha mãe fazia coisas para a gente comer e parávamos no caminho porque precisávamos descansar. Aí comia, sentava

⁸ Ver nota 7

embaixo de uma árvore,... comia e ia de novo. E mesmo assim nós participávamos do carnaval e de outras festas, mas carnaval eu e minha família sempre vínhamos. A minha avó materna gostava muito de festa e a paterna também. Então no carnaval quando nós chegávamos, elas já estavam com as fantasias prontas. E era assim: era muito melhor que agora, porque era uma coisa mais calma, mais sossegada. (informação verbal)⁹

Assim como Ione, Maria Elvira também apresentou em seus relatos uma espécie de lamento ou saudade. Quando refere-se aos bailes, os encontros na praça, as diversões dos jovens e das pessoas que se conheciam, essas descrições vem acompanhadas de frases que mostram o quanto sente falta dessas relações e desses divertimentos que, conforme suas palavras eram *“coisas assim tão simples”,* mas *“tão boas”*. Fica expressa também de forma tênue a dificuldade encontrada por ela em se adaptar a todas as mudanças, assim como fica claro o quanto lamenta a perda de pessoas que traziam consigo uma história, que poderiam informar a respeito de como as coisas eram, como aconteciam: *“tu sabes que está tão difícil saber sobre as coisas, as pessoas não existem mais para perguntar, para saber o que aconteceu”* (informação verbal)¹⁰. Maria Elvira iniciou a entrevista dizendo que *“lembrar histórias não era muito com ela”,* porém a forma com que descreve os acontecimentos da cidade as festas, as quermesses, a maneira que narra tudo isso mostra que existe uma preocupação latente de repassar essas informações. Mas apenas aquelas selecionadas por seus interesses. São narrativas sobre suas vivências enquanto

⁹ Ver nota 7

¹⁰ Ver nota 7

menina que chegava da “campanha”¹¹ e se deslumbrava com as festas, que gostava de encontrar e rever as pessoas. A relação e a importância que a fotografia tem em suas elaborações se mostram de forma bastante peculiar, pois muitas vezes para narrar algum tipo de evento ela recorre à lembrança que tem da imagem que registrou tal acontecimento e a partir dali parece adquirir desprendimento suficiente para discorrer através do tempo e narrar o fato com detalhes e minúcias:

Eu tenho fotografias das festas, das quermesses que faziam quando eu era criança. Ah! Lembro-me tanto das tais das quermesses! Isso era bem interessante, elas aconteciam na festa da padroeira da cidade. Eu tenho fotografias também dali da frente da praça. Na pracinha de esportes enchiam de mesas e era ali que acontecia a festa, as pessoas sentavam ali, e eu tenho fotografia da minha avó, da minha tia, e eu. Não sei se na foto não era a Maria Cândida pequeninha que estava sentada. (informação verbal)¹².

A terceira depoente, Maria Cândida Terres, possuía sessenta e sete anos e é a mais jovem entre as entrevistadas. Ela concedeu a entrevista em sua residência acompanhada de seu marido, fato que é justificado pela dificuldade que tem em se expressar verbalmente devido a uma isquemia que sofreu há alguns anos atrás. Cândida mostra características bem diversas em relação às outras narradoras, pois embora também tenha sido descendente de uma família influente da cidade e seja prima de Maria Elvira, ela apresenta algumas peculiaridades em sua entrevista. O fato de ter

¹¹ A “campanha” que ela se refere é o lugar onde morou quando criança que fica próximo da cidade, mais ou menos a 30 Km.

¹² Ver nota 7

ficado órfã de pai obrigou sua mãe a trabalhar, o que conforme ela não era bem visto pela sociedade da época¹³. A doença que paralisou todo um lado de seu corpo é citada e detalhada como uma espécie de justificativa para os lapsos e as interrupções na elaboração das narrativas. Os lapsos oscilam, como um ressentimento que parece barrar as memórias relativas à vida de sua mãe, numa espécie de ruptura com o passado. Algumas coisas ela parece evitar, ou simplesmente não teve dados suficientes para poder elaborar e recompor suas lembranças. O que se torna característico em seu depoimento é a necessidade constante de contar sobre sua própria vida remontando os tempos em que foi radialista, que desenhava modelos de vestidos para o carnaval e que possuía uma vida social intensa e destacada: *“eu não tive uma infância pobre, me criei muito livre, eu dançava, depois eu ensinava etiqueta para as rainhas e as duquesas do carnaval do clube e até as coreografias eu é que fiz muitas delas e decorava o clube, no carnaval”* (informação verbal)¹⁴. A descrição minuciosa dos acontecimentos sociais das festas e de todos os seus talentos é constantemente citada quase que numa espécie de afirmação em relação as suas condições atuais amenizando talvez, o ressentimento que parece sentir ao perceber que não pertence mais ao que pode ser considerado como a alta sociedade da cidade.

As imagens e as lembranças

Este artigo apresenta reflexões entre duas instâncias que se caracterizam como uma espécie de trama: constituída pela imagem

¹³ O que em certo sentido corrobora o primeiro depoimento, de Ione Prestes. Tal fator talvez possa ser explicado pelo relativo isolamento de Canguçu em relação aos grandes centros e mesmo à Pelotas, local de publicação da revista *Ilustração Pelotense*.

¹⁴ Informação fornecida por M. TERRES, em entrevista realizada em sua residência, na cidade de Canguçu, no dia 24 de outubro de 2005.

impressa na revista e pelos relatos das três depoentes descendentes das representadas. Ambas as instâncias se mostram permeadas por elaborações ideais. Essas elaborações reportam primeiramente às imagens e ao contexto que constituem a revista. Em um segundo momento, imagens e contexto são cruzados com as informações obtidas através dos relatos de mulheres que tiveram a fotografia de suas mães divulgadas no periódico. O que parece estar colocado é o fato de que as três mulheres atualizam o passado a partir de alguns dados apresentados pela revista. Um desses dados se mostra pela comprovação de que quem aparecia na *Ilustração* desfrutava de uma condição privilegiada. Elas sabem disso e tal conhecimento muitas vezes ajuda a reforçar sentimentos e pesares vividos na atualidade.

No entanto é notório que existem algumas diferenças na relação das entrevistadas com a *Ilustração*. Diferenças essas que estão relacionadas aos valores e tipos de vida de cada uma delas. O que se torna visível nos relatos e na própria revista é que parecia haver uma série de atributos que qualificavam as pessoas pertencentes à classe alta do período contemporâneo ao periódico. Esses atributos são mencionados nos relatos enquanto práticas realizadas e considera-se que entre elas estão: o envolvimento em festas religiosas, os bailes realizados nas casas dos amigos, os carnavais, e o aprendizado musical. Pressupõe-se que o fato de aparecer na *Ilustração* poderia ser uma consequência natural da posição elevada dos sujeitos. É notório que nos relatos de Ione Prestes o fato da mãe ter sido apresentada na *Ilustração* aparece como pano de fundo para uma série de outras características pertencentes a seus familiares. Quanto aos atributos de sua mãe ela parece ressaltar o gosto pelos livros e a prática musical. Já para Maria Elvira a Revista se coloca como um documento palpável que entre outras coisas pode atestar a importância de seus ascendentes. Tal afirmação é decorrente da forma com que Elvira constrói suas elaborações, se afirmando em imagens guardadas que ajudam a reconstruir seu passado. A terceira depoente Maria Candida é quem

apresenta características bastante diferentes em relação às outras duas. Para ela o fato de relembrar o passado traz marcas que se mostram permeadas por ressentimentos. Tais ressentimentos justificam o fato de que as recordações dela são constituídas enfatizando fatos e realizações pessoais.

A abordagem deste texto aponta para o fato de que as pessoas que tiveram suas imagens divulgadas pela *Ilustração Pelotense* desfrutavam de uma condição social privilegiada. Essas considerações foram feitas a partir de observações sobre as fotografias e as legendas que denominavam funções aos representados: fazendeiros, políticos, poetas e suas respectivas esposas e filhas, que se apresentavam em suas melhores poses e configurações. Portanto, entende-se que a revista, para aquelas que tiveram a imagem de suas mães divulgada, adquire função de atestado de distinção social, afirmando uma posição que talvez não seja a mesma em que se veem ocupando atualmente. A postura, a vestimenta e os demais atributos apresentados pelos retratados parecem apontar para algumas questões colocadas por Pierre Bourdieu (1983) quanto às diversas tomadas de posições dentro da estrutura social, que acabam se constituindo como um conjunto de práticas objetivamente delimitadas. As preferências, a apropriação simbólica de determinados materiais e a propensão a algumas práticas "*classificadas e classificadoras*", se instituem como um conjunto de atitudes que exprimem a lógica específica de cada um dos subespaços dados pelas divisões sociais.

Tais reflexões fortalecem a ideia de que para as herdeiras das retratadas as imagens e o contexto da revista se estabelecem como "provas" para a reconstituição de situações. As práticas realizadas no passado são remontadas apresentando um tempo revisitado onde desejos e anseios mesclam-se em meio à realidade presente.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. IN: ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia* IN: ETIENNE, Samain (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Editora HUI TEC, 1998.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- LINS DE BARROS, Miriam. *Memória e família*. In: *Estudos Históricos*. N.º.3, 1989.
- RADLEY, Alan. *Artefactos, memória y sentido Del pasado*. IN: MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek. *Memoria compartida: la naturzasocial del recuerdo y el olvido*. Buenos Aires: Piados, 1992.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível"*. IN: SIMSON, Olga Von (org.). *Experimentos de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.
- THOMSON, Alister. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história Oral e as memórias*. Projeto História. São Paulo, 1995.

Recebido em: 23/04/2009

Aprovado em: 30/08/2009

Publicado em: 03/11/2009